

A Multiplicidade dos Eus no Homem Moderno

09/10/08

A "multiplicidade de eus" é um modelo introduzido como ferramenta do Trabalho do Quarto-Caminho no começo do século XX por Gurdjieff. Este modelo pode ser confundido com um assunto puramente psicológico, mas apesar de lidar com o comportamento humano em vários aspectos, difere do conjunto de conceitos conhecidos convencionalmente como parte dos modelos psicológicos.

Assim, antes de descrever o modelo, é importante ressaltar a importância do próprio conceito de modelo. Dentro das ciências exatas a constatação da limitação dos modelos é cada vez mais um assunto que se populariza, apesar de ainda existir uma áurea mitológica em torno da imagem da física e das ciências exatas para a população. Apesar da ampla divulgação dos recentes questionamentos quanto ao surgimento da matéria escura, e dos conseqüentes limites dos modelos científicos, a noção dos limites de qualquer modelo teórico ainda é bastante restrita a uma pequena parcela do público.

O modelo científico, assim como qualquer outro modelo que intencione descrever a Realidade sempre se mostra limitado pela própria condição de sua criação, ou seja, a utilização de hipóteses, premissas e condições de contorno. Todas as três instâncias citadas se mostram elementos frágeis de qualquer modelo ou teoria. Uma analogia útil e interessante para exemplificar esta situação, é a idéia da oposição entre mapa e território. Aqui a afirmação nuclear é: "o mapa não é o território". Deste modo fica mais simples explicar a diferença entre uma representação formal (sintaxe) e a realidade que pretende ser representada.

Em termos evolutivos, poderíamos dizer que o homem estaria em um estágio especialmente primitivo do ponto de vista da utilização de sua capacidade de representar a realidade. Os modelos e mapas nada mais são do que extensões da capacidade humana de representar a realidade por símbolos. Esta capacidade só se desenvolveu na evolução humana, na medida em que surgiram necessidades de manipular e modificar a realidade. Pois é justamente esta capacidade que gera o elemento de consciência a que se refere esta palestra, ou seja, o "eu".

Esta discussão pode ser muito enriquecida por um exemplo dado por Ken Wilber em seu livro "Consciência sem Fronteiras", ao se fazer a clássica pergunta: "você tem o seu corpo ou você é o seu corpo?". A resposta mais comum é que as pessoas costumam sentir possuir o próprio corpo e não ser o corpo, e isto tem origem na negação do corpo do campo da consciência. Esta separação entre corpo e mente na consciência do ocidental é um evento que exemplifica fortemente a situação a que se refere o modelo dos "múltiplos eus".

Esta multiplicidade tem origem na mais tenra infância, no momento em que a criança tem que começar a definir em sua representação da realidade aquilo que faz parte de uma individualidade, uma sensação de identidade. Este é o primórdio do "eu" em contraposição ao que

"não é eu". Esta grande divisão da representação da realidade acontece bem cedo na consciência do homem, e acontece basicamente pelo estabelecimento daquilo que Wilber chama de linha limítrofe entre o "eu" e o "não-eu". Considerando uma linha limítrofe, ou ainda melhor, uma superfície limítrofe, normalmente este limite é traçado mentalmente como sendo o limite de minha própria pele. Assim tudo aquilo que estivesse dentro de minha pele, dentro do "meu corpo", portanto, seria "eu", e tudo aquilo que estivesse fora deste limite passa a ser considerado "não-eu". Esta linha limítrofe vai se expandindo e sofisticando de acordo com a cultura e educação local ao longo do desenvolvimento daquele homem, e ao final este campo chamado "eu" vai se restringindo ainda mais, muitas vezes vindo a se localizar em um campo muito restrito do próprio corpo. Existem diferentes terminologias e modelos que descrevem a evolução desta representação simbólica. O fato é que o próprio "eu" nada mais é do que um modelo mental que estabelece esta separação entre aquilo que fica dentro da minha "sensação de identidade" e o resto. Começa-se assim a se estabelecer hierarquias e escolhas (que quase nunca são conscientes), daquilo que está dentro do meu campo sensorial, emocional e mental que é permitido ou não ser considerado como "eu". Assim ao longo de nossa vida, vamos acumulando diferentes modelos de acordo com as experiências a que somos expostos em nosso meio ambiente, e de acordo com as pressões e teorias que a sociedade em que vivemos nos disponibiliza para a "interpretação" da realidade. Assim, voltando à analogia do mapa, é como se fôssemos colecionando mapas, e então, não tivéssemos um mapa da realidade, mas uma coleção de mapas!

Para ser mais moderno e adaptado à nossa época, poderíamos pensar nestes mapas não só como um papel impresso, mas como "chips" eletrônicos que armazenassem estes mapas. Assim, nossa coleção de mapas ao invés de consistir de um calhamaço de canudos manuscritos, poderia ser imaginada como uma caixa contendo centenas, milhares de chips. Cada chip então representaria um mapa de realidade, que ao ser conectado ao nosso sistema nervoso central nos daria um "quadro" totalmente diferente, uma interpretação totalmente nova para cada condição.

É importante lembrar que esta interpretação da Realidade contida em cada chip muda radicalmente aquilo que eu enxergo de mim mesmo e não só o que eu enxergo "externamente" a mim. Assim, este mapa pode fazer com que "eu" não enxergue características minhas que todos os que me cercam conhecem. São os aspectos de mim mesmo que eu mesmo extirpei do meu campo da consciência. Esta divisão é classicamente conhecida como persona e sombra. A persona representando os aspectos reconhecidos de mim mesmo e a sombra aqueles aspectos ocultos.

Não importando agora qual a nomenclatura mais apropriada para estas instâncias dos "eus", é importante notar que considerando os diversos modelos psicológicos e outros que tentam descrever esta situação do desenvolvimento da personalidade, existem dois tipos de classificação ou hierarquização destes mapas.

Uma classificação é feita verticalmente, hierarquizando os mapas em camadas que se contêm consecutivamente como cascas de uma cebola. Este tipo de classificação define cada novo tipo de mapa como pertencente a uma categoria mais ampla que engloba a anterior. Desta forma, teríamos uma seqüência de "eus" hierarquizados como por exemplo (Jung, Fromm): eu parental,

eu geracional, eu social, eu profissional, eu nacional, eu histórico, etc. Este conjunto de "eus" representaria visões cada vez mais amplas e abrangentes do próprio homem, e daquilo que o cerca. Outro tipo de classificação "vertical" dos "eus" é conhecido como a teoria dos circuitos cerebrais de Timothy Leary, que se baseia no conceito de "imprinting", uma impressão forte que ocorre em cada nível vertical de acordo com a fase da vida em que ele acontece. Estes circuitos serão tema de palestra a ser oferecida brevemente.

A classificação horizontal dos "eus" acontece de uma forma bem mais fragmentária e se refere à proliferação de pequenos "pedaços" de mapas que ocorrem durante um mesmo dia, uma mesma hora, e às vezes em intervalos menores ainda. É a esta classificação que G.I. Gurdjieff se referia quando falava da multiplicidade de "eus". Ele insistia que a mudança de "mapas" destes "eus" acontecia de uma forma aleatória e enfraquecida. Aqui Gurdjieff estava interessado na descrição da consciência cotidiana do homem ordinário. Se as descrições feitas por Gurdjieff foram consideradas por muitos como cruéis e "exageradas", quando as comparamos com a situação atual da humanidade, parecemos estar em situação bem pior. Isto se deve principalmente à modificação das condições às quais o homem atual está exposto. Esta multiplicidade "horizontal" é devida principalmente à incapacidade do ser humano em manter um "centro de identidade" que coordene todos os aspectos fragmentários das diversas influências que foram os fatores que deram forma aos "eus".

Enquanto na classificação vertical existe uma correlação entre o período de amadurecimento e a idade do homem com o aparecimento daquele "eu", na dimensão horizontal estamos falando de mapas que se formam de acordo com situações momentâneas. Embora ambas as dimensões estejam basicamente determinadas pela lei do acaso, ainda assim a dimensão horizontal lida com as configurações de "eus" associadas às situações fragmentárias do dia a dia. Em princípio, o Trabalho está mais interessado inicialmente em oferecer técnicas e ferramentas que possibilitem ao ser humano perceber "o horror da situação" que o atinge. Assim, a dimensão horizontal destes mapas é uma maneira de mostrar ao ser humano que no cotidiano, ele está totalmente à mercê das influências do dia a dia, e que não existe um "eu" permanente que possa tomar decisões e assumir responsabilidades. Esta inconstância e inconsistência é a característica principal do homem ordinário, e pode ser medida facilmente pela incapacidade demonstrada o tempo todo pela humanidade em lidar com o meio ambiente.

A noção de "eu", originalmente surgida justamente pela capacidade humana de gerar símbolos e representações (mapas) da realidade, surgida pela necessidade de agir sobre a natureza, ainda parece estar em estágios muito iniciais de seu desenvolvimento. Esta capacidade representacional de gerar mapas da realidade ainda se confunde na hora de estabelecer a função do "eu" no campo possível à consciência humana. A tradição das escolas de quarto caminho surge a partir de alguns raros exemplos da espécie, que tiveram acesso a um nível de desenvolvimento mais sofisticado desta consciência e que através disto, obtiveram uma metodologia para que estes níveis mais sofisticados sejam desenvolvidos.

Esta metodologia está baseada no desenvolvimento e treinamento de uma função primordial da consciência, que é a atenção. O treinamento da capacidade de direcionar e modificar a atenção para diferentes objetos e pólos do campo sensorial, emocional, intelectual e outros da consciência, permite com que seja observada objetivamente (por experimentação) a manifestação destes diferentes "eus". Neste ponto podemos então dizer, que a auto-observação é o pólo central de qualquer conjunto de técnicas genuínas que tenham como objetivo iniciar um desenvolvimento da consciência humana. Através do aprendizado de como se auto-observar surge a oportunidade genuína do desenvolvimento daquilo que é inerente ao ser humano, e que não depende das circunstâncias e eventos externos a ele.

Fica estabelecida então a real guerra que tem que ser levada a cabo pelo ser humano para que consiga desenvolver sua consciência além dos limites ordinários. Esta guerra ocorre entre uma porção de sua consciência que necessita se sentir única e unida com a experiência mais global e mais ampla da realidade. Enquanto não domina de forma correta esta situação, o ser humano se encontra em uma situação caótica e lamentável, sendo alvo fácil de manipulação do interesse de grandes corporações e instituições que se aproveitam de seu estado frágil e fragmentado, para inserir e condicionar comportamentos de "fora para dentro". A guerra do auto-desenvolvimento da consciência depende então do enfrentamento de uma porção mais essencial e genuína do ser humano contra os fragmentos que fazem parte de sua porção externa (os "eus" fragmentados).

Gurdjieff novamente exemplifica esta situação do homem como aquela de uma mansão sem o seu dono. Nesta mansão, os serviçais estão à esmo fazendo o que cada um acha mais importante, rodando pela casa e procurando uma forma de satisfazer seus desejos mais imediatos. Não existe nenhuma coordenação. A repetição e o hábito do direcionamento inconsciente da atenção fazem com que sejam estabelecidos grupos de "eus" que se agrupam ao redor de um conjunto de preferências e conveniências determinadas todas pela satisfação de objetivos e prazeres imediatos. A esta concentração de valores de um grupo de "eus" chamamos de ego. Este ego tem uma estrutura rígida e não admite ser questionado de modo algum. Ele forma um bloco muitas vezes intransponível e que leva a erros perigosos que direcionam o ser humano para objetivos às vezes totalmente opostos aos intencionados originalmente. O funcionamento do ego então, estabelece uma tirania dentro da mansão a partir de um grupo de serviçais que tentam tomar o poder, mas que não têm capacidade para gerenciar a casa por não conseguir conhecê-la como um todo. Esta é outra característica importante destes grupos de "eus": eles realmente acreditam ser a totalidade do ser.

Esta situação só terá solução quando o indivíduo a partir da constatação de sua própria confusão, entrar em contato com uma fonte genuína de conhecimento que lhe proporcione as técnicas necessárias para o acúmulo de experiências de auto-observação ao longo de um tempo consistente. Este acúmulo de experiências lhe propiciará enxergar os diferentes agrupamentos de "eus", o desenvolvimento da capacidade de fazer um esforço voluntário, e principalmente através deste esforço, a constatação de que seu ser é muito mais amplo e maior do que o seu ego. A constatação da existência da mansão permitirá o surgimento de um agrupamento de "eus" que aos poucos vai definitivamente assumindo o poder sobre o conjunto e formará um "eu mordomo",

uma concentração que funcionará como uma identidade provisória, que comandará a casa até que ela possa ser entregue funcionando ao seu verdadeiro amo. Esta imagem da casa sem um amo é clássica dentro da literatura associada às tecnologias de desenvolvimento da consciência ligadas à Filosofia Perene, e têm significados muito profundos.

Entramos então na questão fundamental do questionamento do modelo dos múltiplos eus. Mais uma vez, o mapa não é o território, e todos os nossos "eus" desde os fragmentados horizontalmente até os mais evoluídos verticalmente, todos eles fazem parte de um conjunto parcial (por alguns chamados de "eu convencional"). O ser humano é muito mais do que todos estes "eus", do que todos estes modelos. Somos seres bem mais complexos e com potenciais de desenvolvimento muito amplos. A tradição da Filosofia Perene nos convida a refletir e agir para nos livrar desta situação de aprisionamento, e buscar formas de escapar desta situação. O Trabalho oferece estas oportunidades e pode gerar esta ligação do homem com a noção mais ampla de si mesmo, que é o equivalente à mansão sendo entregue ordenada para o amo. Esta última situação é equivalente ao alcance do maior desenvolvimento possível ao ser humano que é servir a uma consciência muito mais abrangente. A definição desta consciência mais ampla não deve ser restringida às visões institucionalizadas da religião, mas necessariamente passam pela compreensão de que o quarto-caminho, ao contrário do que muitos seguidores externos imaginam, também utiliza o conceito de um contato do homem com uma consciência superior.

Este contato permite dizer que o ser humano plenamente desenvolvido agora sim transforma a sua realidade harmoniosamente e de acordo com um conhecimento muito mais amplo. Agora a capacidade de representação da realidade pode ser amplificada a níveis muito complexos e temos o advento do homem chamado de "pai do momento". Aquele que unido com o todo sabe reconhecer as ações e modificações realmente necessárias ao momento. Agora ele tem acesso a uma Vontade Real.